



Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros

ISSN: 2237-2342 (impresso)

L-ISSN: 2178-2008 (on-line)

Ano I, Vol.I, n.04, out./dez., 2010.

Tramitação editorial:

Data de submissão: 30/10/2010.

Data de reformulação: 15/11/2010.

Data de aceite definitivo: 28/11/2010.

Data de publicação: 20/12/2010

ENCENAÇÃO PARA UMA MORTE ANUNCIADA: SANDRO DO NASCIMENTO E AS MULHERES DO ÔNIBUS 174 - UM OLHAR A PARTIR DOS ESTUDOS DE GÊNERO E DOS DIREITOS HUMANOS

Sullivan Charles Barros¹

1- INTRODUÇÃO

Rio de Janeiro, 12 de junho de 2000. Talvez o Rio (e o Brasil) não tenha visto cenas tão dramáticas de violência e tortura psicológica em suas ruas como naquela tarde de segunda-feira no bairro do Jardim Botânico, Zona Sul da Cidade.

Foram mais de quatro horas de terror, com transmissão direta pela TV. Um ônibus da linha 174, Gávea/Central, foi sequestrado por um homem alto, negro, aparentemente drogado, que se identificou como Sérgio e disse estar possuído pelo diabo. Ele embarcou armado, na Rua Jardim Botânico, em frente ao Hospital da Lagoa, às 14h25. Avisada por um pedestre, a polícia alcançou e parou o ônibus em frente ao Parque Lage. O trocador, o motorista e alguns passageiros conseguiram escapar, mas onze reféns ficaram no ônibus.

Pouco a pouco alguns foram libertados. Pelo menos seis mulheres ficaram reféns e uma delas, a então estudante de Administração da PUC, Janaína Lopes era arrastada pelo cabelo e mostrada pela janela. Cem homens do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope), entre eles atiradores de elite, cercaram o ônibus.

O seqüestrador exigia duas granadas, duas pistolas e R\$ 1.000,00, afirmando que se não recebesse tudo até as 18h, mataria as reféns. As 17h40, ele simulou o assassinato de Janaína, passando a atormentar a então recreadora Geísa Firmo Gonçalves, chegando a enfiar a arma em sua boca.

Pelas 19h o seqüestrador cedeu e deixou o ônibus, levando Geísa como escudo. Dois policiais do Bope, que estavam escondidos em frente ao ônibus aproximaram-se pelas costas e um deles atirou duas vezes. Geísa com tiros no pescoço, tórax e abdome e mais dois de raspão, foi levada para o Hospital Miguel Couto e não resistiu. O seqüestrador entrou no camburão, sem aparentar ferimentos e, inexplicavelmente, foi levado ao Souza Aguiar aonde chegou morto.

¹ Pós-Doutor em Estudos Culturais, UFRJ. Pós-Doutor em Antropologia, UnB. Doutor em Sociologia, UnB. Pesquisador Colaborador Pleno do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília. Professor de Sociologia Geral da Faculdade *Processus*. Professor de Direitos Humanos do Curso de Mestrado em Ciência Política do Centro Universitário UNIEURO, Brasília/DF.

O fato de o seqüestro ao ônibus ser transmitido “ao vivo” por mais de quatro horas ininterruptas² conferiu a ele um desdobramento inédito. Se não fosse a presença das câmeras, é possível supor que o acontecimento teria um desfecho rápido, sendo eventualmente registrado nos prontuários da polícia local, seguindo os procedimentos rotineiros. Uma vez que assaltos a ônibus são práticas já banalizadas nas grandes metrópoles brasileiras, tal acontecimento afetaria as vítimas, constituindo-se numa grande experiência pessoal, e não pública, sem maior valor de noticiabilidade.

É possível dizer que o assalto adquiriu as proporções de um evento público, com características de ‘espetáculo’, justamente por causa da platéia, estimada em cerca de 54 milhões de espectadores. Ao perceber a presença das câmeras de TV, o próprio seqüestrador estabelece estratégias de comunicação com o público, personifica o criminoso sádico e encena dramatizações de maus-tratos às vítimas.

Através de imagens, a violência em ato – o descontrole do seqüestrador, o uso da força para manter as passageiras como reféns dentro do ônibus, a sequência de ameaças – pôde ser “vista e ouvida por todos”. Diferentemente dos meios impressos que se baseiam na escrita linear de um ator abstrato e ‘desincorporado’, a mídia eletrônica proporciona um tipo de re-incorporação visual do mundo social em que o corpo em movimento, a voz, os sons, as ações passam a fazer parte das formas simbólicas mediadas.

As cenas do seqüestro “ao vivo” permitiram a vivência de “uma situação aterrorizadora”, que interrompeu rotina dos lares e de diversas instituições do país e motivaram o pronunciamento do então Presidente da República, do Governador do Estado e de diversos agentes públicos.

Não nos custa lembrar que Sandro do Nascimento saiu de casa cedo, após presenciar o assassinato da mãe. Nas ruas, a “invisibilidade” desaparecia quando realizava assaltos e roubos, pois o medo estampado no rosto das vítimas indicava a influência da sua presença e que, de fato, ele existia e possuía uma identidade. Até que naquele 12 de junho, após o roubo frustrado de um ônibus da linha 174, Sandro tornou-se “Sérgio”, nome dado a ele pela polícia para estabelecer a comunicação entre ambos. A TV logo apareceu e exibiu “Sérgio” para todo o país e o mundo.

Negro, drogado, morador de rua, foragido, “pactuado com o diabo”, cruel e disposto a matar. É assim que “Sérgio” passou a ser conhecido pela mídia que o transformou em um delinquente notável. É o momento sublime da “visibilidade”, pelo qual Sandro esperara a vida inteira.

Ao final do episódio, longe dos holofotes, “Sérgio” dá lugar a Sandro e, novamente insignificante, é assassinado pelos policiais dentro do camburão por estrangulamento.

Desta forma, o propósito deste artigo é examinar a partir da perspectiva de gênero e por meio de imagens com transmissão direta pela TV e do documentário *Ônibus 174* este evento cujo saldo foi duas mortes: a de Sandro e a de Geísa.

As imagens analisadas demonstram que Sandro aplicou-se principalmente na perseguição (o termo tortura aparece na mídia) das mulheres que sucederam entre seus braços como escudos, e que liberou ou soltou vários homens. Contudo, o que passa a ser demonstrado pelas imagens e pelas próprias reféns (no documentário) é que existia pelo menos uma tentativa de interação da parte de algumas delas que buscavam encontrar em

² O seqüestro foi transmitido pelas principais redes de televisão do país e pela CNN, que distribuiu as imagens numa cadeia mundial.

2- A PROPÓSITO, SANDRO DO NASCIMENTO

A história de Sandro do Nascimento veio a público por meio do documentário *Ônibus 174*, de José Padilha, em 2002³. Segundo o documentário, Sandro nasceu na região de Niterói, Rio de Janeiro e teve sua mãe assassinada a facadas em frente ao seu bar. Seu pai é desconhecido. Teve uma tia responsável por ele, quando este passava por instituições de recuperação de menores infratores. A mãe que os jornais identificavam como a verdadeira, uma moradora da Favela Nova Holanda, na cidade do Rio, era apenas uma senhora que deu abrigo a Sandro, sem ter nenhum vínculo familiar com ele. Ela afirmava a condição de mãe de Sandro até que o exame de DNA irá comprovar o contrário⁴.

Segundo Yvonne Bezerra de Mello⁵, Sandro teria voltado às ruas da cidade, morando em uma praça do Catumbi, bairro central do Rio de Janeiro, e estaria envolvido em dívidas com traficantes, razão pela qual ela achava que Sandro pedia R\$ 1.000,00 para a polícia na hora do seqüestro.

A despeito do efeito que a droga poderia ter causado em Sandro, em meio a sua “loucura”, ele parecia recobrar momentos de lucidez ao conversar com a polícia sobre a sua condição de sobrevivente e testemunha da morte de seus amigos na Candelária. Além do internato para menores infratores, Sandro chegou a ser preso em delegacias, viveu a realidade dura das cadeias superlotadas, o que poderia justificar, além do efeito das drogas, o ódio e a revolta com a polícia nas longas quatro horas do drama do seqüestro do Ônibus 174.

Segundo o inquérito policial, Sandro teria sido assassinado no camburão por estrangulamento pelos cinco policiais da PM. Naquela época o soldado que atirou em Geísa ficou sem dar depoimento à delegacia, alegando estar sob forte estado de estresse, assegurado por um atestado médico da polícia militar. Após o caso, a alegação dos policiais sobre a morte de Sandro foi de ‘legítima defesa’. O que logo foi desmentida pela perícia e noticiada através dos jornais da cidade.

A vida de Sandro do Nascimento não foi muito diferente da vida dos muitos “meninos de rua” do Brasil. Sua história pode encontrar-se com a de outros meninos e meninas que circulam pelas ruas do Rio de Janeiro com seus destinos marcados por episódios relacionados à violência que aproxima e envolve as crianças, adolescentes e jovens que vivem à margem da sociedade.

Há uma infinidade de destinos que permite que se faça um paralelo da história de vida de Sandro do Nascimento com a de outros meninos, tanto quanto permite um paralelo entre episódios vividos por eles. No caso, o acontecimento do ‘sequestro’ do Ônibus 174 cruza-se com a chacina da Candelária, já que Sandro teria feito parte do grupo de cerca de 64 meninos e meninas que dormiam em frente à igreja quando oito deles foram exterminados por policiais militares. Sandro seria um dos sobreviventes.

³ O documentário procurou retratar o seqüestrador de forma mais humana, contextualizando sua vida pregressa, os principais acontecimentos da sua trajetória, as tentativas de mudança, as amizades, a família, o comportamento e outros aspectos.

⁴ GORITA, Marcos Alan. **Notícias do crime, relatos da insegurança: os discursos da violência na cidade do Rio de Janeiro (1985-2000)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, IFCH/UFRJ, 2003.

⁵ A artista plástica conhecia o rapaz desde os seus 8 anos de idade. Na época da chacina da Candelária ela trabalhava com voluntária de ações comunitárias nas mediações da Igreja.

Sandro carregaria o fardo de um dos estereótipos mais recorrentes da sociedade brasileira e que a televisão adotou para si: por ser jovem, negro, drogado, morador de rua, Sandro também seria o criminoso ‘descontrolado’ e cruel, pactuado com o ‘diabo’, dono de uma violência potencializada pela droga. E ele o encara e desfruta de toda a capacidade que estes estigmas têm de aterrorizar, sobretudo na frente de tanta gente, entre reféns, curiosos e telespectadores.

O documentário vai de encontro ao perfil que a televisão traçou de Sandro recuperando a trajetória do “vilão-vítima” e restituindo a sua identidade. Os depoimentos de diversas pessoas vão construindo o perfil social e psicológico dele, como o do colega de rua Rogerinho, que falou sobre as atividades e o cotidiano conturbado, o do professor de capoeira, Coelho, que revela fatos sobre o tempo que Sandro participou de seu grupo ou ainda o das reféns, Luanna Belmont, Luciana Carvalho e Janaína Lopes Neves, que contam todos os detalhes do seqüestro e tentam traçar o estado dele naquele momento.

O filme toma o discurso de Sandro como guia para recuperar sua história e desconstruir tal estereótipo sem se preocupar, porém em delinear nem imagens positivas nem negativas através dele, não justificando os atos de Sandro, mas sim norteando o porquê dele ter feito aquilo.

Dentro daquele ônibus, Sandro impôs a sua visibilidade, foi personagem de uma outra narrativa e redefiniu de alguma maneira o relato social, o relato que dava a ele sempre a posição subalterna. Com todas aquelas câmeras, olhos curiosos, e policiais apreensivos voltados para si, ele de repente é convertido no protagonista de uma história trágica e recorrente.

Segundo Piault, Sandro escapa desse anonimato sociológico e se revela em busca de uma família, não aceitando a falta dolorosa que o faria coincidir com a identificação suposta de criança de rua. É uma pessoa que age dentro de suas determinações próprias, por mais alienadoras que sejam. É simplesmente um ser humano a propósito de quem se torna difícil não nos interrogarmos em termos de sua identificação como marginal e dos seus direitos dentro de um mesmo conjunto social⁶.

3- ENCENAÇÃO PARA UMA MORTE ANUNCIADA

Dentro do ônibus estão inicialmente Sandro (“Sérgio” para os policiais) e dez reféns. O motorista e o cobrador escapam. Depois o pedreiro Carlos Leite Faria, de 35 anos, pula a janela do ônibus às 16h20. É preso pela polícia como suspeito de ser cúmplice do bandido.

São 16h30. “Você é estudante, né?”, Sandro pergunta a William Nunes de Moura de 18 anos. “Sou”, responde o estudante de Arquitetura. “Então, vai embora que você está atrasado”, diz Sandro. O jovem libertado afirma que o assaltante parece estar drogado⁷.

As intimidações crescem. As reféns devem deitar no chão do ônibus. Damiana Nascimento de Souza, 39 anos, conversa com o seqüestrador. Conta que tem um irmão no presídio. Sandro mostra marcas nas costas. Damiana diz que entende o que ele já passou. A pressão é demais para Damiana, que já havia sofrido um derrame: ela começa a se sentir

⁶ PIAULT, Marc-Henri. “Da violência, ou como se livrar dela. A propósito do seqüestro de um ônibus no Rio de Janeiro” In. BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia Pereira (Orgs.), **Um Mural para a dor: movimentos cívico- religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004, p. 38.

⁷ CALDEIRA, Cesar. “Mancha na cidade do Rio de Janeiro: a trajetória de um delinqüente notável” In. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 40 n. 159 jul./set., 2003, p. 269.

mal. É socorrida por duas outras reféns. Entre elas, Geísa Firmo Gonçalves, 20 anos, a chama de “mãe”.

Sandro circula sem cessar da frente para os fundos do ônibus. Enrola em volta da cabeça um lenço que o esconde quase totalmente. Depois de haver atirado através da vidraça do ônibus para impedir o avanço dos policiais, ele ameaça se seus pedidos não forem atendidos: matar seus reféns, um por um, a partir das 18h, e matar-se com a última bala.

É aí que Sandro surge no vídeo com a refém Janaína Lopes Neves à frente, dentro do ônibus 174. Durante mais de uma hora, protege-se puxando consigo Janaína que ele empurra de uma a outra ponta do veículo, obrigando-a, várias vezes, a escrever frases na vidraça: “seja feita a vontade do Diabo”, “ele vai matar geral às 6hs”, “ele tem pacto com o diabo”, “Tem um punhal e o diabo desenhados no braço”, “ele é louco, ele vai me matar”, “arrancaram a cabeça da sua mãe”.

Apertando a refém contra si, Sandro às vezes se inclina numa das janelas do ônibus. Várias vezes seu lenço-máscara se solta, e, em sua excitação, ele nem sempre percebe que seu rosto surge totalmente descoberto. Até que ele põe o rosto na janela e começa a discursar para os policiais, quando revela que esteve na Candelária no dia do massacre: “Não mataram os irmãozinho da Candelária? Eu tava lá!”⁸.

Sandro aumenta ainda mais a pressão psicológica. Damiana sofre um ataque cardíaco. Às 17h15 é libertada. Desfalecida, é encaminhada ao Hospital Miguel Couto, no Leblon. Geísa, sua amiga e vizinha na favela da Rocinha, tenta obter sua própria libertação. Assim como Damiana, tenta criar um vínculo com o seqüestrador.

Geísa se apresenta como filha de Damiana e afirma que o tio é presidiário. Porém, ela desconhece detalhes da vida do “tio”. Não tem sucesso em convencer Sandro. Quando Damiana está saindo do ônibus, desesperada, Geísa grita três vezes: “Deixa eu acompanhar ela!”.

Parece que para facilitar as discussões (e talvez para desviar a atenção do seqüestrador?), o negociador da polícia lança um celular pela janela do ônibus. Sandro recusa o telefone. Às 17h40, envolve a cabeça de Janaína com um pano e atira nela. Gritaria dentro do ônibus; até Janaína grita⁹.

Durante ainda quase uma hora Sandro vai de uma a outra extremidade do ônibus, empurrando a refém e puxando-a pelos cabelos. A violência com as reféns continua com provocações. Agora, agarrado à Geísa, Sandro cantarola: “Uma já morreu e a outra vai morrer”. Coloca uma arma na boca da refém e diz que vai atirar. Dirige ameaças aos negociadores. “Seu delegado, essa feinha aqui vai morrer na sua frente. Vou contar até dez”. Conta até cinco e pára. Faz isso três vezes.

“Você não está ligando para a feinha não é? Então vou pegar a bonitinha. Não está ligando para a vida dela não?”, instiga o sequestrador, que detém Luanna Guimarães Belmont, 19 anos, estudante de Comunicação na PUC-RJ. “Você quer que essa princesa

⁸ ROCHA, Leonardo Coelho. *O caso ônibus 174: entre o documentário e o telejornal*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Belo Horizonte, Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=791>, acesso em: 18 março de 2010, p. 48.

⁹ Mais tarde se descobrirá que Janaína ainda está viva: tratava-se de uma simulação, e Sandro, de propósito, havia atirado ao lado da cabeça da jovem, chegando a pedir a cumplicidade das reféns para tornar verossímil a idéia de homicídio. Janaína relata, no documentário, que sentiu que estava viva quando começou a gritar e a chorar.

morra agora? Cadê você, senhor delegado?” “Olha só que princesa que vai morrer agora. Cadê o senhor, delegado?”¹⁰.

Sandro leva Luanna para o último banco do ônibus. A estudante crê que ele vai, de fato, matá-la e, então, coloca sua cabeça nos braços dele e suplica que não seja executada. Sandro se irrita. “Cala a boca, senão vou te matar mesmo”, berra. “Mas você não queria que a gente fingisse?”, diz Luanna¹¹.

O sequestrador se posiciona para talvez furar o bloqueio com o ônibus. Põe Luanna no seu colo. Uma patama do BOPE é posta na frente do veículo. Os policiais se posicionam para a invasão. São 18hs. Sandro usa o extintor de incêndio dentro do ônibus. Tudo fica esfumaçado. A polícia recua.

Geísa tem um acesso de pânico. As outras reféns tentam acalmá-la. Todas as reféns são levadas para o último banco do ônibus. Sandro fecha as janelas. Pára de negociar com os policiais. *Diz que vai matar todas!* Uma refém, uma senhora negra e idosa, Antonia Cardoso da Costa, oferece seu dinheiro ao seqüestrador. Suplica para não ser assassinada.

Os negociadores do BOPE fazem sinais e orientam Luanna para que se faça de amiga de Sandro. É preciso mostrar que, apesar de tudo, ainda é possível sair daquele impasse. Luanna conversa com Sandro. Pergunta sobre sua irmã e se ele sabe que dia é aquele e Sandro afirma que é o Dia dos Namoradores e por isso ele vai matar uma namorada. Luanna então responde “Ah, então você não vai me matar, porque eu não tenho namorado”.

Glória Albuquerque, 63 anos, que rezava o tempo todo do seqüestro, pede para Luanna colocar no pescoço de Sandro um cordão com uma medalha de Nossa Senhora. Luanna pergunta a Sandro: Você acredita em Nossa Senhora e ele responde: “Não, eu só acredito em Deus”. Luanna tenta mostrar que se importa com ele e mais uma vez faz uma pergunta: “Você sabe quem é a maior vítima desse ônibus, dessa história? Você!”

Pelas 19h, Sandro decide subitamente abandonar o ônibus, e sai pela porta dianteira, apertando Geísa contra o corpo, sob a mira do revólver, para proteger-se. Dois policiais, escondido na frente do veículo, surgem por trás de Sandro e um deles atira duas vezes. Sandro também atira ao cair, junto com a refém.

A multidão avança sobre o local para linchar Sandro. Ele é levado às pressas pelos policiais para o carro da polícia. A refém baleada¹² é levada ao Hospital Miguel Souto, onde morre ao ser atendida. Sandro é transportado vivo para o hospital Souza Aguiar. Antes de lá chegar, é morto por asfixia pelos policiais militares.

As reféns deixam o local do ônibus 174¹³, protegidas pela polícia.

4- DOMINAÇÃO MASCULINA X SUBMISSÃO FEMININA?: A RESPEITO DAS MULHERES DO ÔNIBUS 174

Em sua obra *A Dominação Masculina* Pierre Bourdieu estabelece a dominação de gênero no centro da economia das trocas simbólicas. Na análise deste autor, aparece a constatação de que a prática da dominação está corporificada, fazendo vítimas tanto a mulheres quanto a homens. O corpo passa a ser o lugar por excelência onde se inscrevem as

¹⁰ CALDEIRA, Cesar. “Mancha na cidade do Rio de Janeiro: a trajetória de um delinqüente notável” In. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 40 n. 159 jul./set., 2003, pp. 270-271.

¹¹ Depoimento registrado no documentário *Ônibus 174*.

¹² Segundo o relatório oficial, Geísa levou quatro tiros: um no rosto disparado pelo policial e três nas costas, disparados por Sandro.

¹³ Após aqueles dramáticos acontecimentos, a linha de ônibus 174 mudou de nome, virou linha 158.

disputas pelo poder. É no corpo que nosso capital cultural está inscrito, é nele que inicialmente somos identificados desde que nascemos – como homens ou mulheres. Por consequência, é o nosso sexo, segundo Bourdieu, que define se seremos dominadores ou dominados.

A consequência de tais representações sociais do corpo, engendradas pelo capital simbólico é o quase consenso de que a mulher é o ser menos capaz, o sexo frágil que precisa a todo tempo de um protetor, ainda hoje relegada a seu papel de reprodutora e mãe. Por outro lado, a virilidade, e outros atributos considerados masculinos tais como agressividade, força e até mesmo proteção são preferidos em detrimento daqueles concebidos como ‘feminino’, sendo considerados naturalmente superiores. Assim, o homem é a norma, partindo deste pressuposto as construções simbólicas. É dado que o que é simbólico avança para o político e passa a ser a realidade objetivada. Em outras palavras, a idealização objetivada torna-se subjetiva por meio das instituições formadoras de consciência que fornecem o nosso modo de viver a realidade, como se esta fosse formada por uma unidade de sentido inquestionável¹⁴.

Neste modelo da dominação masculina são valorizadas características como a força, o poder sobre os mais fracos (sejam mulheres ou outros homens), a coragem, a atividade (aqui entendida como o contrário da passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras qualidades consideradas positivas.

Ao analisarmos o caso do Ônibus 174 pela perspectiva da dominação masculina observamos que Sandro ficou dentro do ônibus só com mulheres. Os homens retidos, aos poucos são por ele libertados. Não acredito que seja uma coincidência, são figuras em que conseguiu um esboço de relação; amor e ódio. Não seria por acaso que, para cada uma delas, ele determina uma função. Uma serve de escudo, outra escolhe para representar sua periculosidade quando simula um tiro na cabeça, outra escreve no vidro suas instruções. Pede dinheiro, armas e carro, senão mataria todas!

Neste sentido, Michelle Perrot¹⁵ defende uma postura diferente de Bourdieu. Enquanto para este último as mulheres são dominadas pelo poder masculino, aquela vê nesta relação à possibilidade das mulheres exercerem “poderes”, o que relativizaria o poder do homem, recusando, deste modo, a idéia de uma dominação universal passiva.

O seqüestro do ônibus 174 foi o seqüestro de mulheres. A elas é que o seqüestrador agarrava o revólver apontando-lhes para a nuca ou a têmpora, quando não enfiando na boca. Se não era Janaína, era Geísa, se não era Geísa era Luanna...

A movimentação de Sandro durante este episódio, mostra que sua intenção não era simplesmente praticar um delito, ao preço de executar seus reféns, mas colocar em cena, sob o olhar do Outro, a cena primordial de sua errância, de sua exclusão, daquilo que lhe faltou para que pudesse constituir uma fantasia que lhe daria um lugar no seu núcleo familiar, na sua comunidade, no mundo.

Foram àquelas mulheres, suas reféns, que deram ‘visibilidade’ a Sandro.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, p. 11.

¹⁵ PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

5- A CONTINUAÇÃO DA HISTÓRIA DE SANDRO APÓS O ESPETÁCULO DO ÔNIBUS 174 E AS REPERCUSSÕES DESTE CASO: O QUE ISTO TEM A VER COM DIREITOS HUMANOS?

Sandro foi enterrado como indigente, em cova rasa. Na certidão de óbito, não consta identidade, idade, filiação, ocupação e nem mesmo a hora da morte. O documento se refere a “um homem” cuja causa da morte foi “asfixia mecânica por constrição do pescoço”.

Apenas duas pessoas foram ao sepultamento: Dona Elza (mãe “adotiva” de Sandro) acompanhada do presidente da Associação de moradores de Nova Holanda, Ivanildo de Jesus Severo. Na chuva fina que caía, ela jogou sozinha doze cravos brancos sobre o caixão.

Sandro do Nascimento, conforme foi identificado pela polícia entrou vivo no camburão com cinco policiais. Morreu asfixiado com a ajuda de um objeto (asfixia mecânica) no trajeto até o hospital na segunda-feira, 12 de junho, de acordo com laudo do Instituto Médico Legal.

Três dias depois, às 10 horas da manhã, os cinco policiais foram prestar depoimento na 15ª DP à titular, delegada Martha Rocha. Chegaram fardados numa viatura do BOPE. Estavam fardados, com boné do batalhão e sem algemas.

Os policiais agiram, segundo os advogados,

“no estrito cumprimento do dever e em legítima defesa, sob forte emoção”.

Tiveram dificuldades em dominar Sandro, que resistia à prisão, porque não tinham algemas. O preso quebrou o vidro da viatura, chutou o motorista e tentou tirar a arma do soldado Flávio Val Dias (Caldeira, 2003, p. 274).

Os cinco policiais cumpriram prisão administrativa que lhes foi imposta por trinta dias¹⁶, desde o dia 13 de junho de 2000. Os cinco policiais não tinham antecedentes criminais condenatórios e, por isso, foi alegado que não havia causa que justificasse a prisão preventiva dos mesmos. Desde então, passaram a trabalhar na seção de pessoal, de recursos humanos e na sala de operação de rádio. Nenhum deles voltou a participar de operações externas (cf. Folha de São Paulo, São Paulo, 7 abr. 2000. Caderno Cotidiano, p. C3).

Não podemos ser hipócritas e afirmar que a morte de Sandro pela polícia tenha causado um clamor por parte da população. Ninguém chorou a sua morte, sendo que muitos até a aplaudiram, conforme diversas vezes a mídia noticiou. Que a operação policial foi trágica, desastrosa e quiçá criminosa, não há quem conteste, mas sentimentos de clamor e de impunidade, com relação aos réus, simplesmente não existiram.

No dia 8 de fevereiro de 2002, depois de um ano e meio, foi finalmente aceita a denúncia do Ministério Público contra três policiais militares acusados da morte de Sandro. Levando em consideração os argumentos do advogado de defesa, Clóvis Sahione, podem-se perceber as frases mais bizarras e preconceituosas do debate: “Sandro era a Morte dentro do Ônibus”. “Ele ficava enfiando o revólver sujo, imundo, engatilhado, na boca da moça; se encostando nela”. Sandro é o “demônio personificado”; é “irrecuperável”. “É um podre, é um mal, é um demônio” (Caldeira, 2003).

A afirmação da promotora de que “Sandro é um ser humano e deve ser respeitado” foi rejeitada com veemência pelo advogado. “Ele não é um ser humano. É um mal, um endiabrado, um sujo”. Um outro ponto de argumentação do advogado de defesa era que os policiais encarnavam o Bem. Eram os defensores de uma ordem que precisava ser restaurada com a eliminação dos bandidos como Sandro. “Bandido bom é bandido morto.

¹⁶ Este é o período máximo de prisão administrativa pelo regulamento da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Alguns defendem essa tese. Eu não a defendo. Mas nesse caso do Sandro...”, continuava Clóvis Sahione¹⁷ (Caldeira, 2003).

Segundo estes argumentos, era necessário, segundo Sahione, de se mandar um recado claro para os bandidos mediante a absolvição dos policiais. “Temos, de um lado, Sandro e os marginais, de outro, esses homens (PMs) e a sociedade. Se eles forem condenados, só os marginais baterão palmas” (Pennafort, 2002).

A absolvição dos três policiais militares, por quatro votos a três, pelo Conselho de Setença será, ainda por muito tempo, alvo de interpretações sociológicas. Porém, o relato dos acontecimentos no Tribunal de Jurí mostra que as alternativas, de fato, apresentadas aos jurados visavam proteger os policiais da pena de reclusão. A promotoria sugeriu a pena de quatro anos em regime aberto. A defesa sustentou a absolvição dos réus.

O poder de punir os policiais, inclusive por meio da execução sumária, foi socialmente referendado na absolvição dos réus. O promotor Afrânio Jardim recorreu, em plenário, pedindo a anulação do julgamento dos policiais militares pelo júri popular (Caldeira, 2003).

Existia forte prova técnica de que Sandro foi asfixiado. Ele não se sufocou simplesmente durante a imobilização pelos policiais como argumentou seu advogado de defesa. A verdade dos fatos ficou, no entanto, submersa pelo medo coletivo e pela vontade social de impor um castigo ao arrepio da lei.

Desta forma, sob a perspectiva dos Direitos Humanos é possível afirmarmos que a trajetória de Sandro do Nascimento evidencia a violência de exclusão dos direitos mais básicos. Como não ter um “registro civil de nascimento”, que é gratuito para os reconhecidamente mais pobres, quando como criança e adolescente, passou-se por várias instituições estatais, seja como criança em situação de risco ou adolescente infrator.

Pior ainda, o poder de punir das polícias termina, sendo aceito, por setores da população, e normalizado como forma substitutiva e até reconhecida de controle social. As polícias brasileiras tem, de maneira geral, sido instrumentos de opressão dos mais pobres e dos negros, a serviço do Estado autoritário e excludente, em ambiente de iniquidade no acesso à justiça.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise deste caso, sob o ponto de vista da dominação masculina, os ingredientes falam de “homem negro mal” que esbanja poder contra mulheres indefesas, inclusive ‘velhinhas’. Indaga-se até que ponto a violência que exibiu não se voltava apenas para fora, para agradar as expectativas voyeuristas do bandido-macho-corajoso e mau ante as fálidas câmeras.

Exemplo desta coragem-fake foi a simulação do tiro contra Janaína no chão do ônibus, depois de não ter atirado contra ela, o que foi uma demonstração de franqueza masculina, após a prometida e exibicionista contagem regressiva e a fala de Luanna, registrado pelo documentário Ônibus 174 em que nos dizia: “Mas você não queria que a gente fingisse”? A cumplicidade entre Sandro e as suas reféns se rompe expondo violentamente não apenas o ponto do abandono em Sandro, mas o fato de que Sandro detinha o controle da situação e podia mudar o contexto a qualquer momento.

¹⁷ Um outro argumento utilizado por Clóvis Sahione é que Sandro “sufocou-se”, chegando a exibir um vídeo em que o perito Roberto Blanco defende a tese de que uma pessoa pode asfixiar-se sozinha caso esteja agitada durante a imobilização.

Desta forma, podemos concluir que as relações de gênero têm como transversal em sua dinâmica a dominação e o poder. O poder necessariamente implica numa relação de dominação, no nosso caso específico Sandro e as reféns. Entretanto, pensar esta dinâmica como unilateral, ou seja, como uma barbárie masculina é incorrer no erro da vitimização. A mulher também é sujeito nesta relação, sujeito dominado, heterônomo, não autônomo, mas o é¹⁸.

As relações de poder não são estáticas, tampouco se encerram no binômio dominador/dominado, em função do poder não estar localizado num lugar específico, pois as relações de força interagem entre si.

No outro momento, quando se propõe a uma (des)construção desta caso sob a perspectiva dos Direitos Humanos é possível identificarmos à partir da trajetória de vida de Sandro do Nascimento que ele começou como vítima, tornou-se algoz e acabou como vítima.

Entender e sentir compaixão, inclusive pelos “algozes”, não pode nos levar a rasgar os compromissos com os direitos humanos de todos. Desejo que um consenso nesse sentido torna-se necessário para a viabilização de mudanças. Esse consenso deve se dar em torno da defesa da vida e dos direitos humanos, e da equidade no acesso à Justiça. Ou seja, em torno do discurso de que é inaceitável a brutalidade policial de qualquer cidadão contra outro ou outra, a não ser no caso extremo de legítima defesa.

Sandro também reproduz violência, sobretudo em relação àquelas mulheres presentes no Ônibus e que se tornaram as suas reféns. Numa cultura sexista, machista e patriarcal de dominação que, tácita ou explicitamente, autoriza agressões físicas e/ou psicológicas e morais de homens sobre mulheres, o homem sente-se dono da mulher, a vê como uma propriedade e acha que tem o direito de agredi-la, matá-la, puni-la severamente.

No caso de Sandro torna-se particular, pois, ao mesmo tempo, em que ele assume esta postura de dominação para com suas vítimas, são elas mesmas que devolveram a sua visibilidade.

7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

CALDEIRA, Cesar. “Mancha na cidade do Rio de Janeiro: a trajetória de um delinqüente notável” In. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília a. 40 n. 159 jul./set., 2003.

GORITA, Marcos Alan. **Notícias do crime, relatos da insegurança: os discursos da violência na cidade do Rio de Janeiro (1985-2000)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia, IFCH/UFRJ, 2003.

PENNAFORT, Roberta. PMs são abolvidos no caso do ônibus 174. O Estado de São Paulo, São Paulo, 12 dez.2002. Disponível em: <http://www.estado.estadao.com.br/jornal/020917/news075.html>, Acesso em: 29 out.2008.

¹⁸ CHAUI, Marilena. Participando do debate sobre mulheres e violência. In. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, n.4, 1985.

PERROT, Michele. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

PIAULT, Marc-Henri. “Da violência, ou como se livrar dela. A propósito do seqüestro de um ônibus no Rio de Janeiro” In. BIRMAN, Patrícia; LEITE, Márcia Pereira (Orgs.), **Um Mural para a dor: movimentos cívico-religiosos por justiça e paz**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004.

ROCHA, Leonardo Coelho. *O caso ônibus 174: entre o documentário e o telejornal*. Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo. Belo Horizonte, Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=791>, acesso em: 18 março de 2010.

Referência Bibliográfica deste Trabalho (ABNT: NBR-6023/2000):

BARROS, Sullivan Charles. Encenação para uma morte anunciada: Sandro do Nascimento e as mulheres do ônibus 174 – um olhar a partir dos estudos de gênero e dos direitos humanos. **Revista Processus de Estudos de Gestão, Jurídicos e Financeiros**, Brasília-DF, Instituto Processus, ano 01, edição 04, out./dez. 2010. Disponível na Internet: http://www.institutoprocesso.com.br/2010/revista-cientifica/edicao_4/9_edicao4.pdf. Acesso em: xx de xxxxxxxx de xxxx.